

# MONARQUIA



ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO I

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 4

São Paulo, Novembro-Dezembro de 1955 — Caixa Postal, 8503

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

## VITÓRIA DOS HOMENS — DERROTA DO REGIMEN

1. Abandonada a nossa Cultura, abandonado o nosso Modo de Ser, abandonadas as nossas Instituições fundamentais, versamos em perpétua crise. Teimam, não obstante, os românticos politicantes ou "estadistas" brasileiros, encalhados a cem anos desta data, na presunção imbecil de sermos vítimas da ignorância do povo, do despreparo democrático e outras babozeiras com que se iludem e buscam simultaneamente enganar os incautos.

2. Está no regimen o mal. Simplesmente, sem ambages, afirmamos: A REPÚBLICA NÃO PRESTA! E não é somente no Brasil que tal se verifica. Ainda há pouco dizia Joseph S. Clark, JR., no artigo "Wanted: Better Politicians" (Precisa-se de melhores políticos): "Penso que temos demasiada mediocridade na função de dirigir o governo do país, e inquieto-me o ser assim num tempo de tal complexidade e crise". Vide revista *Atlantic*, agosto de 1955.

3. Ora bem. Regem-se os norte-americanos com o seu sistema político próprio, da sua tradição, não copiado de ninguém. São os verdadeiros Estados-Unidos. Crearam-no com sábio oportunismo político, na impossibilidade de terem Rei... como quiseram muitos d'elles. Copiou-lhes o sistema o primarismo dos nossos medíocres jornalistas e politiquinhos da "propaganda" que tomaram conta da república feita exclusivamente pelo Exército em 89.

X X X

4. Vivemos embaçados com o progresso dos Estados-Unidos, e nada mais ponderamos. Já era tempo de terem mais juízo os responsáveis pelos destinos da Nacionalidade. Em vez de estudarem seriamente o problema da nossa FORMA (os norte-americanos são fanáticos pelo seu "way of life"), lição do nosso passado, insistem MARGINALMENTE em conservar o imprimeável que não é nosso, que não nos serve. E vem a questão agora ociosa para quem SABE política e sociologia (que são ciências e só as conhece quem as estuda): o mal é dos homens ou do regimen?

"Não conheço em único caso na História em que a substituição da forma de governo de um povo não tenha produzido uma mudança radical e profunda na fisionomia deste e no seu modo de ser. Entre a França de 1770 a de 1880 há um abismo; há-o também entre a Espanha de 1929 e a de 1932. Que se passou na França e na Espanha em tão breves períodos, para que de tal modo tenha corrido o tempo e as coisas tenham mudado tanto? Apenas isto: a Monarquia foi substituída pela República. Esta mudança, que alguns consideram puramente accidental e de mera fórmula, bastou para alterar no país não só a organização política, mas também as idéas, as maneiras e os costumes. Como pode ser accidental o que só por si produz, quando varia, mudanças tão substanciais?" (José Maria Pênia, Carta a um céptico sobre as formas de Governo, Lisboa, 1941).

Essa verdade objectiva, escrita na história de todos os povos civilizados, viu-a entre outros o nosso Monteiro Lobato (*Vida e Morte da Monarquia*, 2.º n.). Quanto a nós, povo brasileiro, não a vemos apenas, senão que a padecemos há 66 anos, com a Pátria arruinada, empobrecida, desmoralizada, enfraquecida, sem paz, sem certeza de coisa alguma para o futuro.

5. Os homens, em famílias, em grupos, fazem os regimens em séculos de experiência, acertando, errando, corrigindo, melhorando lentamente as fórmulas da coexistência social e das variadíssimas inter-relações, segundo os diversíssimos fac-

tôres de espaço, tempo, cultura e tradições de base espiritual ou sobrenatural e natural. Após essa imensa conquista, os regimens fazem, modelam os seus homens, sem que estes por sua vez deixem de influir nas instituições que acham **experimentadíssimas** ao nascerem.

6. E' o Brasil uma Pátria Imperial, Monárquica, com OITOCENTOS anos de História, a qual começa na Idade Média em Portugal e se consuma na América desde 1500. Louca estultícia fóra o esquecer tudo isso e fincar o marco da nossa Nacionalidade em 1889 — ano da traição a ela e origem da desgraça nacional. Ai, desfizemo-nos (ou desfizeram-nos) da nossa Identidade, da nossa Personalidade, da nossa Originalidade, da nossa Alma, da base dos nossos actos nacionais e políticos. Procedemos à maneira dos desmemoriados que se desconhecem, não sabem quem são, não têm padrões para agir, pois a base da acção perfeita ainda é o velho "conhece-te a ti mesmo" de Sócrates.

X X X

7. Assim, na república os homens são bons ou maus, mas o regimen não presta. Se bons, às vezes superam a malícia do regimen; se maus, afinam com elle.

Agem os homens segundo o regimen mau para a ambição dos cargos, e então defendem o sistema vigente, legal, que lhes lisonjeia a ambição e lhes permite aspirar legitima ou ilegitimamente à investidura pública.

Derrotados na sua aspiração, voltam-se contra o regimen "legal" e contra os outros homens, os vitoriosos, e querem vencê-los fora dos meios oferecidos pelo regimen que então egolisticamente **reconhecem** mau, defeituoso, sujeito a fraudes (Entre nós elle já é em si mesmo uma fraude contra as nossas Instituições histórico-naturais).

8. Já sabíamos dessa contradição dos homens, pois não é por fanatismo senão por Ciência e Experiência nossa e alheia que somos Patrianovistas e contra a república, regimen essencialmente mau (diz Anatole France), anti-nacional, dissolvente, separatista e embusteiro.

Essa a razão de havermos lançado a notzinha "Revolução", em nosso n. 3. Pois a vitória dos homens acarreta a derrota do regimen. E como vencem os homens no mirífico figurino que adoptámos?

9. Sendo o Povo actual apenas um momento da Nação Brasileira (a única soberana incluindo o Comando Dinástico), ainda mesmo que opinasse na sua totalidade não seria soberano contra todo o nosso Passado e contra todo o nosso Futuro. Somos hoje uns 60 milhões de brasileiros. Excluem-se os estrangeiros interiores, os internacionais, os que **obedecem** servilmente às injunções estrangeiras; ainda sobram mais de 50 milhões. Com quatro candidatos, quantos são os votos que nos impõem um "rei" provisório... para descontinuar os anteriores?... "Admirem-se com as turbas"... E' realmente ridículo.

X X X

10. Quem não quiser aprender com a doutrina, aprenda-o pois com a História, aprenda-o apanhando com os factos que os homens produzem segundo a filosofia verdadeira ou falsa que na mente trazem.



A triste sina da Verdade é exigir actos conseqüentes, coerentes. Tal filosofia — tal moral. Acontece, porém, que os esposadores de falsa filosofia não querem aceitar as suas conseqüências. Ao contrário, revoltam-se contra elas.

11. No caso concreto brasileiro actual, crearam certos democráticos e outros republicanos a filosofia do golpe, mas do seu golpe, isto é do golpe déles. Certos? Errados? A república, como vimos, é essencialmente errada. Adeptos do seu golpe, não contaríamos "cândidamente" com um sábio contra-golpe, "institucionalmente", quer dizer "republicanamente" lógico. E foi o que se deu. O General Lott produziu magistral golpe de Estado, revestido da qualidade de verdadeiro contra-golpe. Magnífico teria êle sido em 1889. Estaríamos salvos de quase tôdas as crises e catástrofes que nos perseguem há 66 anos.

12. Mas vivemos sob total crise. Dela participa a chamada ordem jurídica e constitucional. Sofremos entranhadamente de tôdas as incoerências sinistras do liberalismo, da democracia, da hipócrita república. Continuará, portanto, o criminoso jôgo capitalismo-marxismo, a que nos referíamos no número passado. Livres estão em nosso meio os agentes do jôgo. Têm livres os periódicos, solicitam os partidos suicidas a sua diminuta mas eficiente influência eleitoral. E' uma guerra estrangeira surda dentro das nossas fronteiras, como a da Inglaterra e de Bonaparte dentro do nosso Império Lusitana nos inícios do século 19.

13. E, pois que assim é, pode o Brasil contentar-se com uma Disciplina formalista, baseada num código artificial e passageiro, e que não atinge ontológica e fundamentalmente a profundíssima crise do existir brasileiro desligado do ser brasileiro?

Valerá a advertência como desejaríamos? Estarão com a derrota conformadas as forças visíveis e "invisíveis" vencidas?

14. Seja como fôr, salvou-se a actual legalidade forjada em 1946. Até quando? Temos tido tantas legalidades desde 1889! Quanto à Nação Brasileira, essa continuará esperando a salvação definitiva.

República! Tudo superficial e provisório. Especialmente o bem. Só o mal é permanente.

**Arlindo VEIGA DOS SANTOS**  
Chefe Geral Patrianovista

Imperial S. Paulo de Piratininga, 15 de  
Novembro de 1955, Dia dos Mortos  
Patrianovistas.

## VALOR DA HISTÓRIA

(Gombate para aquêles que no Brasil tentam fazer política sem conhecer a nossa história desde as suas raízes lusas medievais, no século 12).

Uma das tendências mais nobres da inteligência humana é a que hoje a arrasta ao estudo da história. E' como uma necessidade intuitiva, uma como voz íntima e de consciência que lhe revela que a nossa fonte, hoje desconhecida e turbada, que se pratica a heurística verdadeira política e o ensinamento moral; que é a esse espírito infalível, se compreendido, que se há-de pedir a solução de tôdas aquelas altas questões que atormentam hoje os sábios e das quais depende a felicidade das massas. "Feuilleton des journaux politiques", Balzac, maio de 1830.

— Infelizmente, porém, está o governo do mundo republicano-democrático dos nossos dias entregue aos charlatões, como o lastima o norteamericano Walter Lippman, por efeito do regimen que os ignorantes julgam "adiantado".

## A CONFUSÃO DAS LÍNGUAS

Alastra-se por todos os campos a confusão... republicana. Agora os contradições do acordo ortográfico brasileiro-português alogam que se nos impõe a pronúncia "lisboeta". Acontece, porém, que o formulário ortográfico de 1943 não impôs, em nome de uma fantástica pronúncia brasileira, a timbração "carrioca". Em S. Paulo sempre falamos: Antônio, colônia, econômico, quilômetro, tônico, ônibus, etc. E o "Vocabulário" carioca deformou-nos para Antônio, colônia, econômico, quilômetro, tônico, ônibus, etc. — falar isso que antes jamais se ouvia aqui.

Vamos ou não consertar essas FALAS?!

## IMPUNIDADE

"E' urgente que cesse a impunidade, que é geral em todo o País."

Pontes de Miranda. Entrevista a jornais cariocas a 22 de agosto de 1955.

## O CICLO VICIOSO

No ciclo vicioso da "política" republicana, eis-nos, de novo, no marco zero. Vamos recomeçar a ouvir o ruído monótono e enervante do velho disco, gas, e regato, do gramofone da república. A mesma seriedade de sons descontradados, discordantes, de mistura com um refrão de imprecações dolorosas e desespero, horrenda gravação do samba fantástico da desgraça nacional. Com uma cadência dolente, no compasso de espera das tomadas de posição, o guido de "ajustamentos" feitos em surdina. Acelera-se, em seguida, e cadência pelo entrecchoque dos acordos interesseiros ditados ao compasso das "necessidades" do governo que cede à oposição alguns "metais" que, na grande orquestra governamental, são representados por favores de tóda a espécie, os quais se destinam ao seu abrandamento, à sua "harmonização" com o governo, para que, êste, possa "agir" em paz.

Governo em meio já se ouvem, em falsete, os sons manhosos dos "palhetes" sucessórios, balões de ensaio que se destinam a provocar as primeiras atitudes dos pretendentes ao "osso" apetecido. E' a matilha que arreganha os dentes. A princípio com resares que logo se desmentem e que se perdem por entre os acordos malfiosos do "disse que não disse", mas, a seguir, em crescendo, passase a ouvir o ladrar dos vorazes e esfaimados ladradores que, um a um, cada qual a seu tempo, entoarão os seus toques de reunir, ou tentativa de arregimentação de forças que os "apoieis" — em troca de gordas "mamatas", já se vê — na arremetida violenta e despujerada da conquista do poder a qualquer preço.

Logo se ouvirão rufar os tambores de luta sucessória, entremeados pelos sons abafados e cavilosos dos conclaves políticos, realizados a portas fechadas, para que não cheguem aos ouvidos do povo que a tudo assiste "estupificado", os sons tremendos dos acordos por meio dos quais se troca apêlo aos candidatos por cargos de alto coturno. E' o "intermezzo" da bandalheira grossa, onde se prepara o terreno para as outras, maiores que estas, que virão quando o candidato apoiado for eleito e empossado e, com os "parceiros" da naçõleta deslavada, dividir os louros de vitória que são os cargos de ministros, presidentes de bancos nacionais, diretores de autarquias, etc., etc.

No "grandioso" e patético final, em meio a um torvelinho de sons ásperos e desencontrados, de mistura com imprecações e xingapões de tóda a espécie, ouve-se o eco dos arautos da tapeação (deputados, senadores, governadores, varadores, etc. etc.) que, aos gritos, trombetariam, aos quatro ventos, esgançados e roucos, azucrinando os ouvidos já cansados do povo descrente de tanta mentira, as "qualidades" dos candidatos e os "milagres" que pretendem fazer quando governo.

X X X

Se nos dermos ao trabalho de consultar os jornais do país, desde o fatídico 15 de novembro de 1889, veremos muitas vezes repetida e interiorina, a letra vergonhosa dessa música. Ao fim de cada período presidencial passado — inclusive, si, os ditatoriais — depararemos, SEMPRE, com as mesmas lemúrias: "o governo findo traiu a confiança do povo; foi um governo desastroso; a coisa pública foi por êle mal administrada; os peculatos se sucederam sem que os peculatórios fossem punidos; o valor do dinheiro, em razão da "farsa" financeira, caiu, caiu, caiu; o povo, vivendo de tómos, completamente desamparado por aquêles que tudo lhe prometram nos vésperas das eleições, mas que dêle se esqueceram logo após serem empossados no uso e abuso do "osso" que lhes apetecia".

E' o fundo precioso e infalível para a campanha louvanheira das "qualidades" do candidato ou candidatos da oposição. Não ficam atrás os do governo e, ambos, em unizono, apregam as magníficas "virtudes" de cidadãos "dignos", "honestos" e "impolutos" que são os seus escolhidos — não os do povo — os quais, quando no governo, farão cessar as falcatruas, consertarão o descalabro produzido pelo governo anterior, o qual, no dizer da oposição, traiu e vilipendiou a nação, graças à falta de moralidade dos homens das algarúas X, Y ou Z que lhe deram origem — ou que êle originou, quem sabe lá — e que eram as culpadas por tudo o que de mau acontecera ao povo e ao país.

## CONFISSÃO DE ILUDIDO DESENGANADO

Entre uma monarquia parlamentar, que assegurava todos os direitos ao Parlamento, governo de facto do país e uma República federativa, de assembleias e de ministros irresponsáveis, resistentes e submissos ao Poder Executivo, que preferir? Ter conservado uma terra corada ou suportar, como fazemos há trinta anos, tróntes incapazes, eleitos por obra e graça da fraude, do suborno e da pressão? Eleito... eleito... sufrágio universal... voto secreto... vontade popular! Mentiras convençionais, sobretudo no Brasil. Por que não admitir o mistico do direito divino para o reinado hereditário de uma família? Reinando, mas não governando, como aconteceu na Inglaterra?

Fiz parte, quando moço, da falange de visionários, que não podia conceber na América um regime monárquico, ignorando o meio onde vivíamos, só alhá-vamos para fora. Hoje, estamos aqui reunidos, para anular ou corrigir todos os males causados pela actual forma de governo. Devemos continuar fiéis a princípios ou à nossa terra? à nossa Pátria? Insistir neste republicanesmo de fachada, verdadeira cortina de lúpulo, que oculta inmundas oligarquias e favorece, no sertão, o feudalismo dos "cariocas", é um crime. Minha escolha está feita. Desembainhamos uma espada, e ferre a República. Ou por outra impunram uma república a um povo profundamente estático e sentimentalmente monárquico. — Foi bem que a mesma espada saia outra vez da bainha, respectivamente, para devolver o Brasil aos seus beneficiários, à Família Real! Cap. Pedro Rocha, "Revoluções Interiores", Livr. Martins Edit., S. Paulo.

— O Patrianovismo não pede pluri-rentes nem outros institutos faldos, mas concorda com o autor citado na necessidade da volta ao Imperador, com instituições actualizadas, em consonância com os tempos novos e com o ensino experimental de tantos anos de desgraça nacional que já dura demais.

É isto o moderno, ou presidencial. Nemanda avorgeria ao poder! Realiza candidato milhões, no go "salvador da pátria" para repetir mesmo frac GOVERNO q

Acabamos todo o seu candidatos, u Que faz Se não já amarelecido ferindo os m, com os verão que, tanto, na sua imprensa, e sem sentido razão moral dula oficial, chutes", dos as conseqüências por que sef anogando-se radores.

Até que quando?

Quando cila de resp indicando-lha de uma vez que vivemos

Dêste li monó do es a queda do permitidos de sus mud Infeliz paganda reente e por das nossas mostrário, Graça de D vir o Brasil ram a TRAI Destapetes", aquêl gramofone A naç NOVISTA!

ÉCOS DO

Nesta Majestade ram as glori do Supremo levas de S da Ação In ao magnífima das m Por isso viv O retri toncalos, A tado no Br

Report vivo interê Bragançino, versário e alocação e colunas, tr demais. Segundo, f compaheio nem possê alguns m hando a nacional, p



É isto o que se lê nos jornais republicanos antigos — e hoje lê-se nos modernos, ouve-se nas rádios ou vê-se nas T.V. — ao fim de cada período presidencial. É a singela safaia e demagógica, cínica, embora verdadeira, na verdade acusação ao governo que se finda e na louvarinha desbragada e sem vergonha ao candidato que se apresenta, sabendo, antecipadamente, que nada poderá realizar já porque lhe faleçam as qualidades que lhe apregoam, como candidato miraculoso que tudo pode e a tudo dará jeito, já porque não terá meios, no governo, com que realizar os "milagres" que promete. É um novo "salvador da pátria" que se apresenta para suceder a outro "salvador" fracassado que ingloriamente se retira para dar lugar ao que o seguirá no poder para repetir, em toda a linha, os mesmos desastrosos, os mesmos erros e os mesmos fracassos que marcaram a linha obscura e zigzagante do DES-GOVÉRNO que termina.

X X X

Acabámos de ver este quadro dantesco, mais uma vez, representado em todo o seu sinistro esplendor, no palco político-partidocrático republicano pelos candidatos, um dos quais é, hoje, o novo presidente da república.

Que fará no governo o ex-candidato, hoje presidente da república? Se não se quiserem dar ao trabalho de ler a imprensa, nas suas coleções já amareladas pelo tempo, guardem, apenas, os jornais de ontem e vão conferindo os males apontados como tendo sido praticados pelos governos anteriores, com os atos que pratique o que ora se inicia. Ao fim deste quinquênio verão que, se os fatos não forem inteiramente concordantes, o serão, entretanto, na sua maioria absoluta. Nesta oportunidade, verão, ainda, que a mesma imprensa, o mesmo rádio e a mesma T.V. repetirão o mesmo palavreado de, sem sentido e fora da realidade, como por exemplo: "necessidade de recuperação moral dos homens públicos; necessidade de reforma do código ou de cédula oficial; necessidade de golpe, etc.", em uma cópia servil das mesmas "manchetes", dos mesmos "slogans", com que tapemos o povo que sente na carne as consequências, mas ainda não compreendeu o porquê, a razão do que e por que sofre, a causa, enfim, dos crimes que são cometidos por aqueles que, arrogando-se seus mandatários, nada mais são do que seus algozes e exploradores.

Até quando, ó strevidos politiquês, zombeteiros de nossa paciência? Até quando?

Quando irão ser honestos os homens públicos, aqueles que têm uma parcela de responsabilidade, por pequena que seja, no esclarecimento do povo, indicando-lhe os erros do regime e o verdadeiro e único remédio para acabar de uma vez por todas com este crime de lesa pátria que é o regime em que vivemos?

Dáste lábio estamos livres — nós os patrioventos — porque, desde 1928, mercê do estudo e da observação dos fatos políticos que se vêm sucedendo desde a queda do IMPÉRIO, temos alertado a nação, por todos os meios que nos são permitidos, para a falência do regime que lhe impuseram, para a necessidade de sua mudança radical, único meio de nos livrarmos desta desgraça.

Infelizmente não temos ao nosso alcance os meios com que conta a propaganda republicana e que são largamente usados, para manter esta claudicante e podre república milagrosamente em pé. Não importa, porém. Apesar das nossas dificuldades, continuaremos, como até aqui, a dizer as verdades que mostrarem, aos que nos lêem, as razões dos seus sofrimentos. Um dia, com a Graça de Deus, mercê do esforço e da união de todos, teremos a satisfação de ver o Brasil no seu verdadeiro caminho do qual o desviaram as forças que traíram a TRADIÇÃO histórico-política de nacionalidade brasileira.

Desaparecerão, então, dos jornais, dos rádios e das T.V., aquelas "manchetes", aquelas "slogans", cacetes por tão repetidos, e o disco velho do rouco gramofone republicano será atirado, por impraticável, ao lixo do esquecimento. A nação viverá feliz. Terá sido implantado o III.º IMPÉRIO, PATRIANO-VISTA!

José de OLIVEIRA PINHO

**ÉCOS DO DIA DO IMPERADOR — NATALICIO DE S. A. I. R. D. PEDRO HENRIQUE**

Nesta Imperial Cidade de Piratininga, na inauguração do retrato de Sua Majestade D. Pedro II, na sede dos patrioventos à Av. Ipiranga, 1123, se ouviram as eloquentíssimas palavras do correligionário Orlando Luis Costa, Membro do Supremo Conselho Imperial Patrioventista e ligeiras, porém clarividentes palavras de Sua Excia. o Comendador Veiga dos Santos, Chefe-Geral e fundador da Ação Imperial Patrioventista Brasileira, que presidiu a sessão em homenagem ao magnânimo Imperador, honra do passado que se projeta para o futuro como uma das maiores figuras do Brasil Monárquico. Pedro II era pai dos brasileiros. Por isso vive ainda e viverá sempre no coração de nossa gente.

O retrato d'este vulto da Pátria foi gentil oferta do Sr. Dr. Arthur de Vasconcelos, Morgado de Ouzil, ilustre publicista correligionário português radicado no Brasil, amigo de Pátria-Nova desde a primeira hora.

X X X

Reportando-me às homenagens gratíssimas que se prestaram com o mais vivo interesse dos velhos monarquistas e dos patrioventos ao Augusto Dineste Bragançino, Sua Alteza Imperial e Real Sr. Dom Pedro Henrique, pelo seu aniversário a 13 de Setembro p.p., houve uma falha em nosso relato. Em sua elocução o Chefe-Geral Dr. Veiga dos Santos, além de matéria exarada nestes columnas, tratou também da altitude, ou antes, do dever do Chefe-Geral e todos os demais chefes patrioventos. Primeiro, submissão total à Santíssima Trindade; segundo, fidelidade ao Imperador; terceiro, lealdade e confiança para com os companheiros e comandados segundo a hierarquia, sem a qual não há ordem nem possibilidade de vitória; quarto, amor à Nação e ao povo. Ocupou-se por alguns minutos em considerações filosófico-políticas, sobre esse tema, demonstrando a sua importância em face do imediatismo e naturalismo da atualidade nacional, principalmente na política republicana.

Assinadas também pela Ala Moça e a Velha Guarda, enviaram-se a S.A.I.R., duas mensagens patrioventistas alusivas ao Dia do Imperador. Certamente Sua Alteza Dom Pedro Henrique recebeu essas homenagens dos patrioventos com aquele contentamento muito peculiar que sempre sabe dispensar aos seus vassallos e amigos, pois são estas homenagens e tradução muito certa de todo o nosso carinho, de todo o nosso afeto pessoal que compendia a tradicional dignidade de Imperial Pátria Brasileira e nos confirma a esperança da salvação do País contra a anarquia, a desordem e a miséria, consequência do regime estranho à nossa nacionalidade e à nossa história.

Arlindo BAPTISTA PEREIRA

**VIVA A BURROCRACIA!**

Capuava representa o sucesso da "free enterprise", no Brasil. Ela é, para o Estado, que aqui mata todos os dias o surto da iniciativa privada, uma fecunda lição. Que pode alegar o grande fracassado, que é hoje o Estado brasileiro, com a sua burocracia voraz e incompetente, contra o espírito nacional da livre empresa, o qual cada vez melhor aqui se organiza afim de substituí-lo onde o vasto derrotado foi abatido pela sua irredutível incapacidade para criar e promover aqueles serviços dos quais depende o bem-estar geral? — A. Chateaubriand, "Os três mosqueteiros", Diário de S. P., 19-12-54.

**FIDELIDADE DAS GERAÇÕES**

Em diplomacia, como em tudo, cumpre observar a regra de continuidade, não repudiar tradições, atender aos precedentes, prosseguir no caminho aberto pelas gerações anteriores, das quais se do momento são meras continuadoras, herdeiras, depositárias de um legado que deve ser transmitido aumentado, sim, e nunca desvirtuado ou retraído, na sua essência e finalidade, aos operários de amanhã.

Conde de AFONSO CELSO.

**REPÚBLICA É UM AMBIENTE...**

Era João Alberto um homem de imaginação, como alguém escreveu neste jornal. Tinha a fama de começar as coisas e não terminar as suas tarefas. Esquecíamos, porém, os que assim o julgavam, que ele actuava no Brasil e que no Brasil tudo se ergue, se congrega, se une para impedir que se faça alguma coisa. Os inimigos das actividades criadoras estão alongados nas areias da praia, adormecidos nos leitos, nos cinemas, nas "boites", mas logo despertam quando alguém quer realizar, trabalhar, edificar. João Alberto bateu-se com inimigos invincíveis que aflizam de todos os lados. — Augusto Frederico Schmidt, "O Tenente João Alberto", Diário de S. Paulo.

**REPÚBLICA... É ETERNO RECOMÊÇO**

Um grande mal d'este nosso celestio sempre deitado em berço esplêndido: a falta de continuidade administrativa.

Geralmente, o governador, o prefeito, o director não abrem mão de suas idéias geniais e, de ordinário, manifestam completo desprezo pelos alheios planos. Falo em termos. Os homens públicos não gostam dessa culta de prosseguir nas obras iniciadas pelos seus antecessores. E, assim, muitas obras se ficam paralisadas ou são alteradas de alto a baixo.

Vejam o caso de rectificação do Tietê. O problema preocupou muitos administradores (desde o começo desta pobre República, a qual, diga-se de passagem, o povo recebeu bestificado, segundo um propagandista do próprio novo regime).

— São palavras de Honório de Syllos, na Gazeta, 12-11-55, art. "Mudar o Brasil". É mais um atestado a acrescentar à multidão de outros que a experiência vai produzindo contra repúblicas e democracias nefastas. Se os políticos não vivessem no mundo de lú...

**"SABER PARA PREVER A FIM DE PROVER"**

O sr. Paschoal Decrescenta, antigo Chefe Municipal Patrioventista em Tabapuá, agora em S. José do Rio Preto, publicou dedicando-o ao Chefe Geral um opúsculo com o título acima. Com exórdio do 2.º Subsecretário Geral Patrioventista, Sr. Jerônimo Ricardo de Mattos, é preciosa síntese doutrinária que honra o esforço e a inteligência do bravo Chefe. Os nossos agradecimentos e as mais cálidas parabenizações. Sirva esta obra de estímulo a outros patrioventos na messe da doutrina.

**"Monarquia"** — Este jornal não cobra assinatura. Mas, se cada um que por qualquer via o receber nos enviar Cr\$ 2,00 em selos, estará ajudando-nos a multiplicar a sua tiragem actual de apenas 5.000 exemplares e, ademais, a melhorá-lo.

**O MELHOR DOS GOVERNOS**  
**"NÃO HA' DÚVIDA ALGUMA DE QUE A MONARQUIA É AINDA PARA O BRASIL O MELHOR DOS GOVERNOS; FOI UM GRANDE ERRO A REPÚBLICA PARA O BRASIL".** — Palavras ditas por Getúlio Vargas no Palácio do Grão-Pará e reproduzidas na "Tribuna de Petrópolis", em 15-8-51.



# O ETERNO BODE EXPIATORIO

Sempre que se quer achar um bode expiatório para as falhas do regime, esse bode expiatório tem que ser necessariamente o "povo".

Mas por que sempre escolhem o "povo"? É psicológico, é claro, porque quando se ofende o "povo", praticamente não se ofende ninguém. Mas por que não se ofende ninguém? É porque o "povo" não existe: é amorfo e anônimo. Simplesmente por isso.

"Povo" quer dizer indivíduos organizados, quer dizer indivíduos que vivem numa sociedade e que se representam nessa sociedade de maneira organizada e orgânica, de u'a maneira real, verdadeira, natural.

No Brasil, ou melhor, na república, não se representam os indivíduos pela maneira lógica, orgânica e natural. São, isto sim, "representados", ou melhor pseudamente "representados" por uma abstração, por uma organização que melhor seria, uma desorganização artificial chamada partido que procura "tirar partido" da ausência de representação popular.

Realidade é a família — sociedade natural anterior ao estado — Realidades são os agrupamentos profissionais, isto é, as corporações, órgãos que afirmam, compreendem e representam a primeira realidade — a família — e que atendem à outra realidade humana chamada trabalho. E como o homem é religioso e a corporação também é religiosa (no mesmo caso católica), conclui-se que a igreja católica v.g. também é uma corporação, e assim por diante.

Ora, muito bem; "povo" quer dizer indivíduos organizados, o que equivale dizer organicamente agrupados. No mesmo caso, onde não existe essa organicidade agrupativa e representativa mas tão somente grupos, ou melhor, bandos de indivíduos que se unem com o fito único de alcançar o poder a qualquer custo, e como esse custo é a compra do voto, quer pela mentira, quer pelo engodo, quer pela má fé, pela intimidação, quer pela compra do voto direta ou indiretamente — é, pois, tudo, uma questão de negócio, de jogo eleitoral.

Portanto, num estado onde não existe povo mas sim "massa" humana, num estado onde essa "massa humana" é "representada" por uma mentira chamada "partido", nesse estado, o "povo" (que não existe),

jamaiz terá a culpa dos desmandos e da incompetência oficial para resolver os problemas dele "povo".

Feitas estas distinções necessárias, vejamos alguns outros pontos importantes.

O Brasil nasceu, cresceu, atingiu a sua maioridade política, econômica, e territorial dentro da monarquia. Quando o Brasil nasceu para o mundo, Portugal, nosso pai, já tinha trezentos anos de existência e, como o Brasil não nasceu por geração espontânea, equivale dizer que em 1889 nós tínhamos mais de setecentos anos de existência, toda ela dentro do regime monárquico.

Quando em 1889 um quinto do Exército, se tanto, sem o concurso da Armada, proclamou a "coisa" x' que "o povo assistiu bestializado sem saber o que significava", disse que proclamava aquilo em nome do "povo".

Como vemos, é fácil falar em nome do "povo"; é fácil falar sem ter recebido procuração ou delegação de uma multidão anônima chamada "povo".

E perguntamos nós: foi o "povo" quem proclamou a república no Brasil?

E perguntamos ainda: foi feita uma consulta popular, foi feito um plebiscito?

A resposta é — não!!!...

Quem deu autorização ou procuração a uma indisciplinada e infame parcela do Exército para destruir um regime que durava quase oitocentos anos? Quem autorizou a colocar em seu lugar um outro regime importado do estrangeiro, completamente oposto à realidade brasileira e que, apesar de contar já 66 anos de existência (notadamente em experiência), tem se mostrado tão alheio da realidade nacional?

Se não foi o "povo" o responsável pela mudança de regime; se não foi o "povo" consultado, de que maneira vamos atribuir a culpa do fracasso republicano aos brasileiros? Como vemos, falta lógica, mas sobra má fé.

Mário de MELLO FIGUEIREDO

## REGIMEN COLEGIADO

Faz coisas cómicas o modo à solução monárquica — única nacional. Depois da "dissolução" nacional pela imposição de uma "república dos estados unidos" que não somos, já se pensou numa união contra o Brasil e agora em transformá-las em cantões suíços. Eterna fuga!

"Regime colegiado" — diz Pontes de Miranda — é para pequenos Estados. O Brasil é enorme; precisaria de alguém, além de nós, que se sacrificasse para salvá-lo, servido de Conselho de Estado, excelente experiência na Império, que estalasse o limite e Peder Executivo, valendo pelos destinos do País".

Mas... quem quer saber da experiência ou de ciência política nesta terra de papagaios? Querem utopias ou figurinas... estrangeiros!

## QUANTOS SOMOS?

Nunca nos ocorreu à lembrança um cálculo aproximado ou recenseamento exato de quantos monarquistas ainda existem no Brasil, apesar de ser esta geração toda "trabalhada" pelo "espírito revolucionário" já com 66 anos de idade.

Podemos, entretanto, afirmar, que somos mais de mil... Sim, porque temos monarquistas-saudosistas; monarquistas que o são sem saberem, porque não contestam as virtudes do regime de honestidade e segurança; os revoltados contra as "revoluções"; os desesperançados; os anti-comunistas; os republicanos desiludidos da "república sonhada"; os patrianovistas simpatizantes; os patrianovistas militantes; os patrianovistas mestres prégadores da doutrina; os patrianovistas alunos e os patrianovistas doutrinados.

Quantos somos? É pergunta que nos fazemos amiúde e à qual respondemos: somos, em espírito consciente, mais que os republicanos inconscientes sem espírito, sem doutrina, sem rumo... Quantos somos? Somos mais que os republicanos em 89. Somos tantos quantos são os que condenam as práticas republicanas de irresponsabilidade, de roubos, de peculatos, de mentiras, de demagogias, de safadezas, de incapacidades, de traidores, de aventureiros, etc., etc.

Eis quantos somos. Se quiserem ver a prova, dêem o contra-golpe: restaurem a monarquia... e verão um Brasil inteiro responder como aqueles adesistas da última hora de 1930! — "Eu já era d'oceis..."

E, enquanto não pudermos fazer um balanço às claras, de quantos somos, contentar-nos-emos em andar por aí perguntando nos bondes, nas ruas, nos escritórios, nos bares, nas palestras: — Que me diz da monarquia? — e encontramos somente os comunistas a dar esta resposta — Não serve porque é honesta! Porque a monarquia deseja quanto melhor... melhor!

Jerônimo Ricardo de MATTOS

## AMARGAS REPUBLICANICES

Como todos os governos, o actual não revelou coragem de propor revogação de leis imorais que tornam as aposentadorias prematuras de servidores ainda prestantes um sorvedouro de dinheiro do povo. Nem de dispensar os milhares de funcionários superfluos ou improdutivos existentes na administração federal, nem de moralizar os serviços e de torná-los produtivos.

Não devemos esquecer que grande reponsabilidade por essa situação de fraqueza do Executivo cabe aos homens do Congresso que, de preferência à defesa do interesse do povo, tratam de cortejar o eleitorado, à custa do Tesouro público. — Art. "Falta coragem para enfrentar a crise financeira da União", Folha da Manhã, S. P., 19-12-54.

— Isto é república, dona Felha. As eleições estão acima do problema do bem e do mal...

## LIVROS PATRIANOVISTAS À VENDA

Orgânica Patrianovista .....	R\$ 70,00
O problema operário e a justiça social .....	R\$ 10,00
De Nóbrega e outros patrias .....	R\$ 15,00

Brevemente

A Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino, obra do Chefe Geral. Pedidos à nossa caixa postal.

## "ZÉ-BODOCAS"

Um calígra, há tempos atrás, agüentou uma filizinha para votar. O seu candidato berrava aos quatro ventos, por todos os meios que lhe virham às mãos, gritava, que era um homem honesto, de "terra", de grande religião, com grande experiência de vida política (apesar de nunca ter feito POLÍTICA), disse, enfim, que era ele o homem ideal para o poder.

Zé-Bodocas votou nele, votou bem! Votou no homem que ganhou a eleição. Deu uns churrascos. Fêz festas. Tudo muito bonito. O seu candidato tomou posse. Exerceu mandato.

E Zé-Bodocas? Este coitado, ainda mais, sofreu. Faltou-lhe: arroz, feijão, pão, tripo, e, até teto para dormir. A vida subiu 500%.

O seu eleito fez política, política barata, tão barata que recebeu o nome de "política república". Ganhou dinheiro, ficando milionário. Fundou um "partido" para também poder "partir". Foi um escândalo. Homens assaltavam mulheres e mulheres assaltavam homens em plena rua central da mais alta Capital, ladrões em todos os cantos; boicotes, furtos, perseguições, macacões, bilcheiros e toda a sorte de maldandagem andava à solta em plena luz de meio-dia, mas Zé-Bodocas batia sempre palmas aos atos do seu eleito, apesar de estar todo errado e de ir contra os próprios interesses de Zé-Bodocas e da terra dele.

Terminou o mandato, o candidato "pé-rápido" de ontem é hoje um homem milionário, melhorou sua vida, não há dívidas, mas desgraçou seu torção natal. A "palhaçada" recorreu, a vida enriqueceu, Zé-Bodocas teve que ir morar em terras distantes, envergado de seus elírios e foi condenado a morrer à mingua tendo como única riqueza a roupa do corpo, o ódio pelos politíqueiros e o amor pelo BRASIL.

Roberto CESNIK

ANO

Director

Re

1. Brasil, su dos Estad sas crítica rância no a tudo q que os p primárias

2. democrac teamérica Basta da pompean lhos, a l radoras e provável NARQUI lento ars

3. Ora em noss nos Esta mostra-n de se o donde r dignos ( the left

4. contemp pública. o respo Inglater Enquant guirem cessitam Atlantic Est nosso P

5. dos mo honesta não agi puseram Etc.

Re

6. nos co

lituição Acarret respon ga de